

LUKÁCS, György. *Lenin: um estudo sobre a unidade de seu pensamento*. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2012, 124p.

LUKÁCS ANALISA A UNIDADE DO PENSAMENTO DE LENIN

Por Claudinei Cássio de Rezende

Escrito em 1924, imediatamente após a morte de Lenin, este opúsculo de György Lukács, intitulado *Lenin: estudo sobre a unidade de seu pensamento*, que agora vem a público pela Editora Boitempo, faz parte de um empreendimento editorial fundamental para o estudo do marxismo: a edição das obras fundamentais de Lukács. Nas edições brasileiras das obras do filósofo húngaro, o leitor conta também com *Prolegômenos para uma ontologia do ser social e O romance histórico*, ambas pela Boitempo; *A teoria do romance*, pela Editora 34; *Pensamento vivido*, pela Ad Hominem; *Arte e sociedade, Socialismo e democratização e O jovem Marx e outros escritos de filosofia*, estas três pela Editora UFRJ; *Ensaio sobre literatura e Marxismo e teoria da literatura*, pela Civilização Brasileira e Expressão Popular, respectivamente; e *História e consciência de classe*, pela Martins Fontes. Cumprindo este empreendimento, a Boitempo está editando, com a supervisão de Ester Vaisman, a *Ontologia do ser social*, pela primeira vez em uma edição completa em língua portuguesa (até hoje temos apenas traduções parciais, pela Ciências Humanas, num esforço singular de Carlos Nelson Coutinho). Concretizando este louvável objetivo, três obras fundamentais de Lukács faltarão à nossa estante: *Estética* (temos hoje a edição italiana da Einaudi e a castelhana da Grijalbo); *A destruição da razão*; e *O jovem Hegel e os problemas da sociedade capitalista* (ambas em castelhano pela Grijalbo, respectivamente, *El Asalto a la Razon* e *El joven Hegel y los problemas de la sociedad capitalista*).

Como admitiu o próprio Lukács no posfácio à reedição alemã de janeiro de 1967, sua obra *Lenin* não se trata de uma análise da obra teórica, de uma exegese literária de Lenin; trata-se de um esboço conjuntural do movimento comunista revolucionário. Lukács estava nitidamente influenciado pelo sucesso da Revolução Russa e pela perspectiva histórica aberta pela personalidade mais importante do movimento revolucionário comunista.

Do mesmo modo que em *História e consciência de classe*, a categoria da totalidade é posta como centro do marxismo. Lukács percebe que apesar de Lenin não ser um especialista em economia, como seus contemporâneos Rudolf Hilferding e Rosa Luxemburg, ele os superava em muito em relação à análise do período em sua totalidade; e isso foi percebido não só por

seus partidários, mas também por seus adversários; no calor dos acontecimentos, ninguém soube manejar com tanta destreza a *realpolitik*, a despeito das condições desfavoráveis. E essa é a diferença fundamental entre *dirigente político* e *líder*. Enquanto o dirigente político é uma personalidade forte dentro de um partido, o líder é a expressão mais direta e autêntica de um movimento de massas. Não é sem motivos, portanto, que Lukács entende que o líder Lenin é “o único teórico à altura de Marx até agora produzido no interior da luta de libertação proletária” (p. 33). O realismo de Lenin – e aqui se justifica o subtítulo “unidade de seu pensamento”, a unidade entre teoria e prática revolucionárias – “é a liquidação decisiva de todo e qualquer utopismo, a realização concreta do conteúdo do programa de Marx” (p. 89). Lenin soube agir e identificar as condições reais da Rússia no momento da revolução: o capitalismo monopolista relativamente desenvolvido, em meio a um processo de desmoronamento causado pela guerra mundial, num país agrário atrasado, cujo campesinato somente podia se libertar dos grilhões dos resquícios feudais em conjunto com a revolução proletária. Lukács percebe também que Lenin não se limitou à determinação do Estado russo; fora dali, Lenin soube identificar a formação do capitalismo imperialista. Após o início do processo revolucionário na Rússia, o que estava em jogo era justamente a capacidade de posicionamento diante de problemas inteiramente inéditos: a classe operária enfrentava a dissolução do Estado burguês ao mesmo tempo que se deparava com condições econômicas essencialmente novas.

Neste sentido, *Lenin* representa um avanço sobre *História e consciência de classe*. Nesta última, quando Lukács abraça as categorias hegelianas do movimento inexorável da história, acaba por criar um substitucionismo a fim de determinar o sujeito-objeto idêntico. Enquanto Hegel via a força motriz da história num demiurgo fora do homem, isto é, no sujeito-objeto como o *Geist* auto-realizador; Lukács, adaptando as categorias hegelianas, faz em *História e Consciência de Classe* do sujeito-objeto idêntico uma entidade supra-individual totalmente abstrata encarnada no partido operário. Já em *Lenin*, em vez disso, Lukács desenvolve uma teoria de partido muito próxima da teoria de Lenin, o que é provado na apreciação lukacsiana acerca das ações de Lenin diante dos avanços e recuos do movimento revolucionário, enfim, da *realpolitik*.

Lenin é leitura fundamental sobre a práxis revolucionária, e obrigatória para descortinar a guinada de Lukács ao marxismo.

Recebida em 30 de maio de 2012

Aprovada em 02 de junho de 2012